

PROJETO DICIONÁRIO VIRTUAL DA LIBRAS

Tanya A. Felipe¹

1. Introdução

As comunidades urbanas Surdas no Brasil têm como fatores principais de integração a utilização da língua de sinais brasileira ou como os surdos a denominam, a língua brasileira de sinais – Libras – e os esportes, por isso têm uma distribuição hierárquica com a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS); 7 Federações/ Liga Desportivas e 60 associações/clubes/sociedades/congregações, em várias capitais e cidades do interior e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis – com sede no Rio de Janeiro e regionais em Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre.

Em muitas destas comunidades há interferência de grupos religiosos, representados por pessoas ouvintes com domínio da Libras ou de outra língua dos sinais estrangeira. A ocorrência deste último caso tem favorecido uma utilização de “estrangeirismos”, ou seja, uso de sinais diferentes dos utilizados em outras comunidades brasileiras.

Admitindo-se que há dois tipos de bilingüismo, o individual e o social, e que a diglossia estaria em nível coletivo e seria a coexistência de duas ou mais variedades de língua ou línguas, pode-se afirmar que as comunidades urbanas dos Surdos no Brasil são bilíngües por possuírem membros bilíngües que utilizam duas línguas em uma situação de diglossia: a língua portuguesa – a variante superposta utilizada nas escolas e com os ouvintes da comunidade maior à qual também estão inseridos, e a Libras, a variante informal usada entre os Surdos e nas suas associações (Felipe, 1888, 1989a, 1990, 1991a, 1992a, 1993a, 1995).

Devido à tradição oralista, há surdos que só querem falar, usando sempre o português, há outros que, devido ao fato de não dominarem bem a Libras, usam um bimodalismo, ou sejam, falam português enquanto sinalizam, como os ouvintes quando começam a aprender alguma língua de sinais.

Mas as escolas podem ser um dos fatores de diversificação, favorecendo ou a integração ou desintegração das comunidades surdas porque, dependendo da metodologia adotada, elas, até bem pouco

¹Professora Doutora Tanya Felipe é Professora Titular da Universidade de Pernambuco, coordenadora do Grupo de Pesquisa da FENEIS – Rio de Janeiro e coordenadora, em nível nacional, do Programa LIBRAS o idioma que se vê – Cursos de LIBRAS: Metodologia para o ensino de LIBRAS para Instrutores/ Agentes Multiplicadores e Curso de LIBRAS para ouvintes.

tempo, rejeitavam a Libras e, conseqüentemente, as crianças não podiam conhecer suas comunidades e não aprendiam a variedade local de sua língua, podendo apenas, em escolas mais liberais, comunicarem-se através de dialetos restritos ao ambiente escolar.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro, mesmo ainda sem uma proposta bilíngüe generalizada, é fator de integração porque as crianças e adolescentes se comunicam em Libras e vários professores já sabem ou estão aprendendo com "professores surdos" sua língua, além de oferecer cursos também para os pais destas crianças e estar modificando a proposta curricular inserindo o ensino sistemático da Libras em todas as séries. Esta prática está acontecendo também em várias outras escolas de surdos pelo País.

Por outro lado, várias escolas que não estão ainda articuladas com as comunidades surdas, ou por falta de interesse ou devido ao fato de algumas cidades não possuírem associação de surdos, trabalham ainda somente com uma metodologia neo-oralista, o que faz com que as crianças surdas desenvolvam um dialeto entre elas para uma comunicação mínima, ficando estas totalmente desintegradas da Cultura Surda, sendo consideradas, apenas, como deficientes auditivas (DA).

Essa tradição oralista fez surgir também diferenças em relação ao uso da Libras pelas comunidades surdas, assim, há comunidades que possuem mais sinais em relação a outras que utilizam a datilologia, sinais soletrados ou um mesmo sinal para conceitos diferentes.

Para se conhecer melhor a Libras tem havido iniciativas em termos de estudos lingüísticos, materiais de divulgação não especializados e elaboração de dicionários por instituições religiosas, públicas e privadas. A partir da pesquisa dessas publicações e da necessidade de se elaborar um dicionário com bases lingüísticas, surgiu essa proposta que estamos agora apresentando.

Sabemos que posteriormente teremos que acrescentar novos sinais já que optamos em colocar somente aqueles reconhecidamente utilizados pelas comunidades surdas e, como estão surgindo novos sinais, gostaríamos que os surdos de todo o País nos ajudassem nessa coleta de dados para a segunda edição. Fizemos esse trabalho árduo, exaustivo e desafiador em oito meses e por isso sabemos que está passível de erros que gostaríamos que fossem nos informados para que possamos revê-los e corrigi-los futuramente.

2. Organização do Dicionário Digital Bilíngüe da Libras

2.1 Metodologia de trabalho

2.1.1 Formação da equipe:

Para a elaboração do Dicionário Digital Bilíngüe da Libras houve uma preocupação em formar uma equipe de especialistas nas áreas de

lingüística com conhecimento da Libras, lexicografia e informática e surdos que tivessem um ótimo domínio em Libras, conhecessem bem a língua portuguesa e já tivessem participado de pesquisa ou estivessem envolvidos com educação de surdos. Assim, no mês de dezembro foi organizada essa equipe que ficou composta por:

- coordenador administrativo-financeiro: Guilherme Lira, responsável pela organização da equipe, gerenciamento da verbal, e prestação de contas e relatório final, e supervisor da equipe de informática e filmagem;
- coordenadora administrativa: prof. Solange Rocha (INES), responsável pela escolha dos componentes da equipe, liberação de material de consumo e pela infra-estrutura, tendo sido a pesquisa realizada no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES;
- coordenadora de pesquisa prof. dra. Tanya Felipe (UPE), responsável pela metodologia, sistematização de coleta, tratamento e apresentação dos dados e supervisão da equipe de surdos;
- equipe de surdos: pesquisadores, informantes e colaboradores na pesquisa, responsáveis pela organização do banco de dados, filmagem e tratamento das imagens: Paulo André, Heloise Grippe, Alexandre, Elizabeth, Elaine, Nelson Pimenta, Leandro, Adriana, Cristiane, Ana Regina e Patrícia;
- equipe de lexicólogos, responsáveis pela elaboração das acepções dos verbetes e exemplificação em português; Liane e Roberto;
- equipe de informática, responsáveis pela confecção da plataforma do dicionário digital;
- equipe de filmagem, responsáveis pela filmagem, organização do banco de dados e tratamento das imagens: Áulio Paulo André;
- equipe de digitadores, responsáveis pela digitação do banco de dados da pesquisa e da plataforma: Heloisa e Vera.

Para a preparação e entrosamento das equipes foram realizadas reuniões administrativas e técnicas. As reuniões administrativas foram realizadas com os coordenadores e algumas com o grande grupo. As reuniões técnicas, por serem mais específicas, eram feitas entre os grupos, assim as reuniões técnicas da coordenadora de pesquisa foram realizadas com a equipe de surdos e de lexicólogos para apresentação da metodologia de trabalho, orientações sobre coleta de dados, sistema de transcrição de frases e descrição sinais. Outras reuniões foram efetuadas ao longo de toda a pesquisa, ora com grupos específicos, ora com todo o grupo, ora somente com os coordenadores.

2.1.2 Organização da nominata:

A elaboração da nominata é a primeira fase de um dicionário, quando se faz um levantamento dos itens lexicais que irão compor um dicionário. No mês de janeiro foram organizadas as nominatas para o dicionário, tendo sido necessário realizar as seguintes atividades:

- levantamento de dados através de fontes bibliográficas já existentes – foram coletados dados em 17 livros elaborados a partir de sinais usados pelos surdos de uma determinada região ou por todas as regiões (ver referências bibliográficas);
- digitação e organização dos sinais por ordem alfabética: nominata de A até Z;
- coleta de novos dados através de dicionários da língua portuguesa – pesquisa, através de palavras da língua portuguesa, de novos sinais que não constavam nos livros pesquisados;
- acréscimo e organização de novos sinais à nominata;
- digitação e impressão da nova nominata: A – Z;
- discussão sobre a elaboração de verbetes a partir das acepções das palavras contidas em dicionários de língua portuguesa, referentes à letra A.

Em um primeiro momento foram coletados 3.587 sinais, após a pesquisa em dicionários esse número cresceu para 3.986 mas, a partir das discussões para a organização dos verbetes, foi constatado que muitos sinais não eram de fato conhecidos pela comunidade surda por isso eles foram retirados. Como ainda estamos na fase final de preenchimento da plataforma, ainda não temos o número exato de sinais que foram selecionados tomando como base o uso efetivo através dos exemplos dados em Libras sem interferência da língua portuguesa.

2.1.3 Organização dos verbetes em *Libras* e em *Português*

Nessa fase da pesquisa houve uma rediscussão sobre os sinais porque alguns sinais coletados em livros foram criados por ouvintes para termos religiosos ou eram dialetos escolares, não se caracterizando nem como sinais nacionais nem como sinais regionais e, por isso, foram retirados já que o objetivo da pesquisa era incluir no dicionário somente sinais que realmente são utilizados pelas comunidades surdas. Assim, no mês de fevereiro a equipe de surdos foi dividida em dois grupos para a transformação das nominatas em verbetes e estudo comparativo dos sinais pesquisados. O primeiro grupo, formado por surdos bilíngües, concomitante ao trabalho dos lexicólogos, realizou até o mês de maio as seguintes atividades individualmente:

- pesquisa de acepções e classes gramaticais das palavras/sinais por letras;

- exemplificação, a partir de frases, das acepções dos verbetes, apresentando a estrutura morfo-sintático-semântica dos sinais em Libras;
- discussão em grupo ou com a coordenadora de pesquisa para esclarecimentos de dúvidas, acepções e exemplificação;
- revisão dos verbetes pela coordenadora de pesquisa juntamente com o surdo Paulo André, que passou a dar também um suporte na coordenação dos trabalhos de elaboração e comparação dos verbetes, além de apoio às filmagens de sinais. Nessa fase alguns sinais foram retirados por realmente não serem de uso efetivo das comunidades surdas.

Do mês de fevereiro até início de agosto, os lexicólogos desenvolveram as seguintes atividades:

- pesquisa de acepções e classes gramaticais das palavras em português, distribuídas nas nominatas por letras;
- análise e sugestão de introdução e verificação de palavras/sinais constantes ou não constantes nas nominatas;
- exemplificação das acepções dos verbetes a partir de frases, apresentando a estrutura morfo-sintático-semântica das palavras em português.

2.1.4 Transcrição da exemplificação dos verbetes:

Uma das diferenças desse dicionário em relação aos já existentes é que este, além de conter sinais com as palavras equivalentes em português, também apresentou esses sinais com os possíveis usos e suas respectivas acepções para que se possa apreender os sinais em contextos. Quando da organização dos verbetes, a equipe de surdos, enquanto pesquisadores informantes, criou frases em Libras para essa exemplificação dos sinais em contexto. O objetivo de se colocar exemplos foi também para mostrar a estrutura morfo-sintática dos sinais que podem ser modificados em um de seus parâmetros de configuração com a introdução de marcadores de concordância verbal. A exemplificação também pode dar uma pista sobre a utilização dos sinais em contextos apropriados, ajudando assim a identificação da acepção. Para muitos verbetes o exemplo em português não corresponde ao exemplo em Libras devido ao fato de se tratarem de duas línguas e muitas vezes a tradução não corresponde ao sinal em Libras ou à palavra em português.

Como ainda não são conhecidas as propostas para a escrita de línguas de sinais, optamos por utilizar um sistema de transcrição que tem sido apresentado em publicações internacionais e que foram feitas adaptações e criadas outras convenções para se poder apresentar

razoavelmente uma língua gestual-visual a partir de uma língua oral-auditiva. (Felipe, 1988, 1989b, 1990, 1991b, 1991c, 1992b, 1993b, 1993c, 1997, 1998):

Estas convenções foram utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional.

2.1.5 Comparação dos sinais pesquisados:

Como os surdos de nossa equipe têm viajado muito para ensino, palestras ou participação em atividades sociais e esportivas representando suas comunidades ou escolas, ao se fazer a pesquisa nos dicionários, vocabulários, glossários e lista de sinais publicados, percebemos as diferenças regionais, os sinais que foram inventados para fins religiosos ou escolares mas que não são conhecidos ou utilizados pelas comunidades e sinais que foram traduzidos erradamente. Assim, do mês de fevereiro até maio, os surdos que não possuíam um bom domínio em língua portuguesa ficaram, no segundo grupo, fazendo um estudo comparativo dos sinais para poder serem especificados no dicionário os sinais regionais e os nacionais, ou seja, os sinais que todos os livros traziam iguais. Assim foram realizadas as seguintes atividades:

- divisão e distribuição por letras das nominatas para o estudo individual;
- elaboração de quadros com especificação de regiões; e
- coleta e registro dos dados nos quadros a partir de código de identificação (igual, diferente, semelhante, acepção diferente, acepção errada);

2.1.6 Filmagem de sinais:

Todos os sinais pesquisados estavam ou desenhados ou fotografados em livros ou apostilas, mas esse recurso não permite visualizar o movimento e a orientação, precisando-se introduzir recursos gráficos para dar essas idéias de movimento e orientação. Por isso, nesse dicionário uma outra diferença consistiu na possibilidade de ver o sinal sendo realizado a partir de todos os parâmetros que o compõem, ou seja: configuração de mão(s), orientação/direcionalidade, ponto de articulação e movimento. Como as pessoas falam diferente, também os sinais podem trazer a

Para as filmagens e apresentação no dicionário, ficou convencionalizado que quando os sinais eram todos regionais a variedade do Rio de Janeiro iria ser apresentada em primeiro plano devido ao fato do grupo usar o sinal. Quando havia mais de um sinal para a mesma acepção, ficou convencionalizado também que seria escolhido o mais usado.

Assim, do mês de fevereiro até agosto a equipe de filmagem, Áulio, Paulo, Elaine, Elizabeth, Nelson e Ana Regina, a partir das nominatas ou verbetes, realizou as seguintes atividades:

- filmagem (rascunho) de sinais novos pesquisados que não constavam nos livros pesquisados;
- revisão dos sinais filmados no Vocabulário do INES;
- filmagem dos sinais nacionais e regionais para o dicionário digital; e
- revisão dos sinais filmados.

2.1.7 Descrição dos sinais

Outra contribuição diferenciadora desse dicionário em relação às publicações já existentes é que, além da exemplificação abordada acima, os sinais não foram somente organizados em ordem alfabética, obedecendo a sistemática de uma língua de modalidade oral-auditiva em detrimento da modalidade gestual visual das línguas de sinais, mas foram também organizados segundo sua configuração de mão preponderante, que é um de seus parâmetros de configuração de sinais. Assim, como pode-se procurar no dicionário as palavras a partir das letras que começam, também neste dicionário pode-se procurar os sinais a partir de sua configuração de mão inicial dos sinais que foram filmados. Nessas duas opções, coloca-se as duas línguas em um mesmo *status*, já que elas podem se apresentar com autonomia e uma não está em uma situação diglósica em relação à outra. Daí, ser um dicionário realmente bilíngüe porque tanto o usuário de uma língua como o de outra poderá recorrer ao dicionário tomando como ponto de partida a sua língua para conhecer o item lexical da outra língua e entender uma aceção e uso em contexto de frase.

A filmagem do sinal tem a vantagem de mostrar o sinal em sua realização, não havendo necessidade da utilização de recursos gráficos que muitas vezes, apesar de tanto esforço, não dá conta de esclarecer sobre a realização do sinal em todos os seus parâmetros. Durante nossa pesquisa, foi discutido se haveria necessidade de se colocar também a descrição dos sinais já que eles estavam sendo realizados de maneira tão clara. Como houve duas posições: ouvintes dizendo que era necessário e surdo dizendo o contrário, resolvemos fazer uma pesquisa para nos posicionarmos quanto a inclusão ou não da descrição.

A metodologia para essa pesquisa consistiu em:

- pesquisa de campo – convite a professores, funcionários e alunos do INES para irem até a sala de pesquisa, ver o dicionário em fase preliminar e reproduzir o sinal que estavam vendo na tela;
- a tela era constituída por um espaço de opção para a procura de palavra em ordem alfabética, o sinal correspondente com sua descrição;
- os pesquisados acima, em um primeiro momento, olhavam como o pesquisador estava procurando o sinal em relação a

uma determinada palavra que era escolhida para, em seguida, ser reproduzido o sinal correspondente que surgia a partir da tela apresentada;

- no segundo e terceiro momentos, os pesquisadores davam a palavra para que os pesquisados procurassem o sinal e o reproduzisse. O objetivo também dessa atividade era ver se a disposição da plataforma era de fácil acesso;
- após essas atividades, a pessoa responderia um pequeno questionário em que uma das questões era se ela havia utilizado o recurso da descrição para poder fazer a reprodução do sinal;
- os resultados da pesquisa foram um tanto contraditórios porque, embora durante a atividade de reprodução a maioria das pessoas não tivesse recorrido ao recurso da descrição, a maioria ouvinte respondeu que achava importante a descrição porque ajudava na apreensão do sinal; já com relação aos surdos pesquisados, a maioria respondeu ser desnecessária a descrição porque eles não utilizaram esse recurso. Como houve um empate técnico, resolvemos deixar a descrição na plataforma.

Para a leitura dessa descrição, olha-se a configuração da(s) mão(s) logo abaixo ao sinal, que recebeu uma enumeração e é apresentada em relação aos outros parâmetros: movimento, ponto de articulação, orientação/direcionalidade.

2.1.8 Apresentação dos dados na plataforma

A equipe de informática está organizando os campos e entradas para a digitação dos dados e arquivos das filmagens, realizando as seguintes atividades:

- Confecção e organização da plataforma
- Filmagem de sinais
- Digitação dos dados
- Revisão das filmagens e vocabulário
- Tratamento dos dados e imagens
- Revisão final dos dados na plataforma

3. À guisa de conclusão

Essa pesquisa foi um aprendizado e um desafio para todas as equipes por se tratar de um trabalho pioneiro e, por isso também passível de falhas daí, estarmos abertos para as sugestões. A proposta será sua publicação através de CD e também estará vinculada à página do INES na internet. Temos a intenção de continuar inserindo novos itens lexicais da Libras que, ou devido ao curto tempo ou por ser sinais regionais não puderam entrar nessa edição, e por isso solicitamos a todas as

comunidades surdas que participem desse nosso trabalho vendo os verbetes e nos enviando dados para posterior acréscimo. Os ouvintes também poderão dar suas sugestões com relação às dúvidas e apresentação do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FELIPE, Tanya A. (1998) *O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua de sinais dos centros urbanos brasileiros*. Dissertação de mestrado, UFPE, PE.
- (1989a) Bilingüismo e Surdez. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Campinas, (14): 101-112, jul./dez.
- (1989b) A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp.663-672.
- (1) Bilingüismo e Informática Educativa. *Revista Integração*. SENEb/MEC, Ano 3, (6):11-14.
- (1991a) Papel lingüístico das associações de surdos no Rio de Janeiro. Pesquisa de Grupo. *Anais de comunicação da 43ª Reunião Anual da SBPC*, RJ.
- (1991b) Do discurso à gramática da LSCB, in: *Seminário sobre funcionalismo em curso*, 19 set, UFRJ, pp. 52-55.
- (1991c) *Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB*. Monografia de conclusão da disciplina "História da Análise do Discurso", do curso de Doutorado em Linguística, UFRJ. RJ.
- (1991d) *Aquisição de linguagem por crianças surdas*. Monografia para conclusão da Disciplina Psicolingüística no curso de doutorado em Linguística, UFRJ. RJ.
- (1992a) Por uma proposta de Educação Bilíngüe in: *Revista Espaço (INES)*, Ano 2, (2), pp 75-94.
- (1992b) A relação sintático-semântica dos verbos da LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL – GT Linguagem e Surdez*. Porto Alegre pp
- (1993a) *As comunidades surdas do Brasil reivindicam seus direitos lingüísticos*. Documento entregue pela Feneis ao MEC e Senado para o "Movimento pela oficialização da Libras, Brasília.
- (1993b) A valência dos verbos na LSCB. *Anais do II Congresso da Associação de estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL)*. Faculdade de Letras. UFRJ, pp 216-231.
- (1993c) Por uma tipologia dos verbos da LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Vol 2 - Linguística. Goiânia. pp. 724-744.
- (1995) LIBRAS – Língua brasileira de sinais. In: STROBEL, K.L. e Dias, S.M.S. (orgs) *Surdez; abordagem geral*. Feneis. Curitiba: Ed. Adta, pp 22-23.

- (1997a) *LIBRAS em Contexto – Curso Básico. Livro do aluno*. Feneis. MEC/FNDE.
- (1997b) *LIBRAS em Contexto – Curso Básico. Livro do professor*. Feneis. MEC/FNDE.
- (1997c) *Introdução à gramática da Libras. Educação Especial Língua Brasileira de Sinais. Volume III. Série Atualidades Pedagógicas 4*. MEC/Seesp, pp 81- 123.
- (1998) *A Relação Sintático-Semântica dos Verbos e seus Argumentos na Língua de Sinais Brasileira – Libras*.
Volumes I e II. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Delma B.FAVILLE et all. *Linguagem de Sinais – As mãos também falam*”. Rio de Janeiro: Oficinas de artes gráficas do INES. 1989.
- DUARTE, Antônio Mários S. *Comunicando com as mãos*. Associação dos Surdos de Teófilo Otoni.
- STROBEL, Karin Lilian et all. *Falando com as mãos*. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação. 1998.
- OLIVEIRA, Ahygo Azevedo de e MACEDO, Mirlene F. *Aigo: a arte de comunicar I: Línguas de sinais*. Uberlândia: Editora AMEDUCA. 1998.
- ABREU, Antônio Campos. *Língua Brasileira de Sinais*. Belo Horizonte: Feneis. 1998.
- CAPOVILLA, Fernando C. (org.) *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 1998.
- RABELO, Annete Scotti. *Português Sinalizado: Comunicação Total*. Volume I . Série Educação Especial. Goiânia: Ed. UCG . 1992.
- GOMES, Edson Franco e FERREIRA, João Bosco. *Cartilha Paraense de Sinais*. Belém: Secretaria de Estado de Educação. 1997.
- GOMES, Edson Franco. *Língua Brasileira de Sinais - Curso Básico*. Apostila do Curso Chaplin. Distrito Federal.
- HOEMANN, Harry W. e OATES, Eugênio. *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro de Educacional para Deficientes Auditivos. 1983.
- OATES, Eugênio. *Linguagem das Mãos*. Aparecida. São Paulo: Editora Santuário. 1983. 2ª Edição.
- Sociedade Torre de Vigia de Bíblia e Tratados. *Linguagem de Sinais*. São Paulo. 1992.